

## AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA DOS ADOLESCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Grazielle Azevedo Abreu<sup>1</sup>; Maria Renally Braga dos Santos<sup>2</sup>; Betânia Maria Oliveira de Amorim<sup>3</sup>  
(orientadora)

*Universidade Federal de Campina Grande*

<sup>1</sup>Graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Campina Grande - [grazielle.azevedoabreu@gmail.com](mailto:grazielle.azevedoabreu@gmail.com)

<sup>2</sup>Graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Campina Grande - [mariarenally1@gmail.com](mailto:mariarenally1@gmail.com)

<sup>3</sup>Graduada em Psicologia, atual docente de Psicologia na Universidade Federal de Campina Grande – [betania\\_maria@yahoo.com.br](mailto:betania_maria@yahoo.com.br)

**Resumo:** O campo da sexualidade comporta diferentes e diversas manifestações da vivência humana que, apesar de acompanhar a humanidade desde o início da sua existência, ainda resvala em preconceitos e falta de conhecimentos. Nesse sentido, estudos demonstram a necessidade da criação de espaços nos quais sejam assegurados a reflexão acerca dos diversos fatores que perpassam a sexualidade, sobretudo para os adolescentes, uma vez que nesta fase de desenvolvimento, embora as dúvidas e inquietações com relação a este tema sejam frequentes, estes não encontram abertura para discuti-las. Este fato corrobora para uma compreensão equivocada da sexualidade reiterando na maioria das vezes, preconceitos e valores construídos historicamente. Por esta razão, é importante conhecer as concepções construídas pelos adolescentes acerca da sexualidade a fim de compreender como este grupo social representa esta questão. Nesse sentido, buscamos refletir sobre as representações acerca da sexualidade, apresentadas por grupo de 42 estudantes do 9º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de ensino, situada na cidade Campina Grande – PB. Utilizamos como instrumento de coleta um questionário e o Diário de Campo. Os dados apontam que as representações desse grupo social estão fortemente relacionadas ao preconceito e ao sexo, o que vem demonstrar a necessidade da ampliação de espaços de discussão e reflexão acerca da sexualidade, sobretudo na escola, visto que os professores através de suas falas, atitudes e gestos, veiculam concepções sobre a sexualidade, o que os torna atores sociais responsáveis pela produção e veiculação de conceitos, símbolos, juízos e imagens que estão vinculados à sexualidade.

**Palavras-chave:** Sexualidade, adolescência, representações sociais.

### INTRODUÇÃO

A discussão sobre a sexualidade humana vem ganhando espaço nos debates e produções acadêmicas a partir das últimas décadas do século XX (Tuckmantel, 2011). Observamos, atualmente, o quão necessário se faz estender essa discussão aos mais amplos setores do nossa sociedade. Não podemos desconsiderar os avanços obtidos, tanto nos espaços públicos quanto privados, sobre as questões que envolvem a sexualidade e seus desdobramentos. Contudo, ainda nos preocupa certos entraves que dificultam a discussão sobre a sexualidade, haja vista ser este aspecto uma manifestação natural do ser humano, e como tal, objeto de interesse amplo às categorias sociais.

Freud (1856-1939) no texto “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*” vai discorrer sobre a existência da sexualidade no sujeito, inclusive na infância, fato que era considerado um tabu na sociedade de sua época. Este autor propõe que a libido (energia sexual) é uma energia afetiva que busca a obtenção do prazer, estando presente no ser humano desde o nascimento até a morte. Foucault (1988) no volume I da “*História da sexualidade: a vontade de saber*”, vai tecer uma crítica ao mundo contemporâneo, sobretudo à sociedade ocidental, que trata de forma repressiva as manifestações e vivências sexuais. Para Foucault (1988), a repressão e o disciplinamento dos corpos, tem modos de agenciamento social que permitem que a sexualidade, nas malhas dos dispositivos institucionais (criados para reprimir), difunda-se, circule, aconteça. O sexo posto em discurso tem desdobramentos nem sempre previsíveis. Mesmo a sexualidade sendo um tema presente em nossa cultura ocidental, segundo este autor, o mundo contemporâneo tem apresentado esforços para vigiar, normatizar e controlá-la por meio da institucionalização da fala sobre o sexo, como um segredo a ser destinado aos “ouvidos certos”, especialmente religiosos, sob a forma do confessionalário. Em outras palavras, esta seria uma forma de “controlar” as manifestações referidas à sexualidade do sujeito.

A discussão sobre a temática da *sexualidade* é potencializada com os adolescentes, que experimentam transformações corporais, sociais e de ordem afetiva, cuja ligação com o tema resulta em sensações que convocam uma maior atenção e compreensão. Conforme observa Nunes (1959), muitas transformações vêm ocorrendo nas últimas décadas, no sentido da facilidade que coloca o adolescente frente aos conhecimentos das práticas sexuais. Tal fato ocorre devido o longo alcance das informações, através dos canais midiáticos, virtuais ou mesmo nas rodas de conversa entre amigos. Devido a essas transformações, assistimos as mudanças de valores que se apresentam por meio dos comportamentos, linguagem, vestuário, música e das formas de se relacionarem com seus pares (Nunes, 1959). Este autor vai chamar a atenção para a superficialidade com que a sexualidade é tratada pelo consumismo e a pornografia, que acaba secularizando e esvaziando o sentido real da sexualidade, que tem para ele uma riqueza expressiva de significados para a vida do sujeito.

Longe de querermos fixar a sexualidade nos parâmetros da normatização, nosso esforço é no sentido de acolhê-la e compreendê-la em suas mais espontâneas e múltiplas formas de existir no ser humano. Para tanto utilizaremos a Teoria das Representações Sociais como subsídio para analisar trabalho realizado junto a um grupo de 42 adolescentes. Para apreendermos os saberes compreendidos e compartilhados sobre as representações sociais no campo da sexualidade pelos

adolescentes, aplicamos à técnica da análise de conteúdo, e as metodologias ativas com o objetivo de tornar mais espontânea e pessoal as expressões apresentadas.

## **METODOLOGIA**

A proposta apresentada neste trabalho desenvolveu-se a partir da ação protagonizada pelo projeto de extensão intitulado “*Diálogo sobre a sexualidade com adolescentes*”, realizado junto aos estudantes de uma escola pública estadual, situada na cidade de Campina Grande – PB. As análises e dados aqui expostos referem-se a uma amostra de 42 adolescentes, com faixa etária média de 14 anos, sendo 23 do sexo feminino e 15 do sexo masculino. A coleta dos dados ocorreu em 4 (quatro) encontros, com duração média de 1 hora e 30 minutos cada.

Utilizamos como ação metodológica o uso misto para a análise dos dados, cujo procedimento consiste na combinação das modalidades qualitativas e quantitativas, sendo a primeira direcionada à interpretação subjetiva dos dados, que tem como objetivo compreender determinada situação social, fato, grupo ou interação; e a quantitativa, que consiste em traduzir em números as informações desejadas (Creswell, 2009). De acordo com Freitas e Prodanov (2013), na pesquisa de natureza quantitativa precisamos formular hipóteses e classificar a relação entre as variáveis para assegurar a precisão dos resultados, desviando de contradições no procedimento de análise e interpretação.

Utilizamos como instrumento de coleta um questionário, por meio do qual, levantamos os dados sócio-demográficos assim como os temas de interesse com relação a abordagem da sexualidade destacados pelos estudantes. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo, na modalidade temática. De acordo com Minayo (2014, p.313) esta modalidade de análise “consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado”.

Frizzo (2010) vai argumentar sobre a importância da observação da realidade para a construção do conhecimento científico, cuja discussão epistemológica e metodológica se assenta na observação participante e utilização do “diário de campo” como ferramenta científica de coletas de dados em pesquisas qualitativas. Sob esta orientação, a análise qualitativa dos resultados também utilizou o registro do diário de campo, bem como a adaptação da ferramenta de análise “fofa”, e ainda a utilização de metodologias ativas e participativa, como o Teatro Imagem, que é uma das técnicas do Teatro do Oprimido, que utiliza jogos, exercícios e técnicas teatrais, para problematizar

e discutir questões do cotidiano, estimulando a reflexão sobre as relações de poder que se arquitetam nas histórias entre opressor e oprimido (Boal, 1975).

Todos os dados foram analisados à luz da Teoria das Representações Sociais e embasados em estudos e na produção bibliográfica sobre a temática sexualidade.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **1. Representações sociais e sexualidade**

A concepção de representação social se constitui, segundo Santos (2013) como uma teoria ou ciência coletiva direcionada à interpretação e à intervenção no real, ou seja, seriam teorias do senso comum fundamentadas nas interações sociais entre sujeito-sujeito e sujeito-objeto. Nesse sentido:

As representações são campos estruturados pelo habitus e os históricos que impregnam o imaginário social, seja porque são fatores estruturantes desse contexto e, como tal, motores de mudança social; seja porque são teorias do senso comum configuradas pelos conhecimentos acadêmicos que se relacionam com os conhecimentos populares, utilizadas para a compreensão da realidade social. Os conhecimentos de senso comum, dos universos consensuais, agregam parcelas do conhecimento erudito produzido nos universos reificados compostos pela Academia, os quais são modificados, fazendo com que se originem as representações de determinado grupo ou indivíduo (SANTOS, 2006, p. 262).

Segundo Spink (1993 apud Jodelet, 1989) as representações sociais devem ser analisadas vinculando elementos afetivos, mentais, sociais, incluindo a cognição, a linguagem e a comunicação às relações sociais que afetam as representações, e à realidade material, social sobre a qual elas ocorrem, pois o sujeito para se constituir são necessárias áreas bio-psíquico-social-espiritual, no qual são atravessadas pela afetividade. As representações são produtos construídos por sujeitos, no qual o mesmo é produto e produtor da realidade social, dessa forma é necessária uma articulação de todas as áreas constituintes do sujeito para a compreensão de sua produção.

Dessa forma, a representação sobre a sexualidade é eivada de tabus e preconceitos, responsável por comportamentos repressivos e moralistas, tornando-se desse modo, um assunto delicado em várias instâncias sociais, entre as quais a escola. De acordo com Louro (2010, apud Jeffrey Weeks 1993, p.6), “a sexualidade tem tanto a ver com as palavras, as imagens, o ritual, e a fantasia como com o corpo”, e ela está para além dos elementos naturais do ser humano, e há diversas maneiras de viver e exercer a sexualidade.

### **2. Sobre a representação da sexualidade na adolescência**

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) a adolescência é compreendida como o período psicológico, biológico e social que se estende dos 10 anos até aproximadamente os 20 anos. Para o Estatuto da Criança do Adolescente, é o período que inicia aos 12 anos indo até os 18 anos, aproximadamente. A adolescência é um período de transição da infância para a vida adulta, que pode ser conceituado como uma fase de preparação social e profissional do indivíduo que antecede a vida adulta. Além de ser considerada um momento de caráter histórico-cultural, segundo Silva (2001), a adolescência foi construída na sociedade moderna com o surgimento das tecnologias da informação e da comunicação, demandando para várias instâncias, a exemplo da família e da escola um cuidado espacial. Nessa perspectiva, buscamos analisar como os adolescentes representam a sexualidade afim de compreender como esta temática é percebida por este grupo social.

Observamos que a concepção acerca da sexualidade ainda encontra-se fortemente relacionada a aspectos biológicos, conforme demonstra o *quadro 1*. Possivelmente esta compreensão está relacionada a formação dos professores, pois como Alvarenga e Dal'igna (2012) discute, apesar da sexualidade estar como tema transversal garantido pelos PCNs, muitos professores o reduz à abordagens como gravidez na adolescência e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's).

Quadro 1 - Temas derivados da aplicação do questionário

EIXOS TEMÁTICOS	TOTAL
PRECONCEITO/RESPEITO ÀS DIFERENÇAS	33
VIOLÊNCIA SEXUAL	26
SEXO	25
DIVERSIDADE SEXUAL	20
GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA	19
EMOÇÕES	17
DST'S E PREVENÇÃO	15
VIOLÊNCIA DE GÊNERO	07
DIÁLOGO C/ A FAMÍLIA	05
OUTROS	07

Conforme podemos verificar, entre estas representações, destaca-se a questão do preconceito com a diversidade. Observa-se uma preocupação com o preconceito existente contra aqueles que são diferentes do padrão considerado tradicional (homem, branco, heterossexual). É atribuindo à sexualidade também, uma outra perspectiva além da biológica, aquela atravessada pelo respeito e pela diversidade de manifestações. Além do questionário esta ponderações foram identificadas em momentos de atividades que foram realizados, onde os alunos correlacionaram a **sexualidade** à *gênero, identidade, respeito, discriminação, igualdade, diversidade (...)*, e em **gênero** à *homossexualidade, identidade, binárie, preconceito, aceitação, e transexualidade* (Diário de campo 12/09/2017) .

Sobre o preconceito, Ceccarelli (2000) afirma que este ocorre devido a influência da tradição judaico-cristã com a construção de ideais em nossa sociedade ocidental, que institui os padrões que seriam normais com o objetivo de controlar e enquadrar comportamento. É importante mencionar que grande parte do grupo compreende a sexualidade de forma reducionista circunscrevendo-a a prática sexual. Desse modo, observamos que o sexo também se destaca na representação dos adolescentes. Uma situação registrada no diário de campo ilustra esta afirmação: *“Ao nos avistarem na porta aguardando a saída do professor, um dos adolescentes falou “Olha as meninas do sexo”*. (Diário de campo 29/08/2017). Uma outra situação que também reforça essa ideia ocorreu com o uso da nossa “caixinha”, utilizada nos encontros do projeto com os adolescentes como uma proposta adicional de comunicação com eles. Nela eles podem se expressar nominal ou anonimamente, colocando suas dúvidas, sugestões, desabafos, enfim, tudo que não tiveram como expressar verbalmente durante o encontro. Em uma dessas “comunicações” foi feita a pergunta: “Por que temos vontade de fazer sexo toda hora?”.

Sobre essa questão, Nunes (1959) denuncia uma vivência “promíscua” da sexualidade, que coloca o orgasmo como finalidade última do sexo, perdendo a sensibilidade e riqueza das trocas afetivas que essa relação pode gerar. É concebível que nesta fase, muitos adolescentes estejam explorando o prazer que seus corpos proporcionam. Logo, quando à vontade para discutir sobre a sexualidade, é comum que o sexo seja a expressão mais recorrente, pois é ela que está imersa em seus desejos.

## CONCLUSÃO

Com efeito, estimular na sala de aula a discussão sobre a sexualidade com os adolescentes configura-se um desafio instigante, além de necessário, ao tempo em que, oportuniza experiências de falas, expressões e manifestações ricas em aprendizagens.

Shor e Paulo Freire (1986) defendem o diálogo como uma ação na qual os seres humanos refletem sobre sua realidade, sendo, portanto, uma atitude necessária para o desenvolvimento do pensamento crítico. Dessa forma, dialogar sobre *sexualidade* com os adolescentes pode proporcionar uma reflexão crítica frente a esta temática.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Marcos. **Representação Social**: uma genealogia do conceito. *Comum - Rio de Janeiro*, v.10, nº 23, p. 122 a 138, jul/dez. 2004. Disponível em: <<http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/Artigo7.pdf>>. Acesso em: 09 set 2017.

ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira. SANTOS, Maria de Fátima de Souza. TRINDADE, Zeidi Araújo. Apresentação da 1ª edição. In.: ALMEIDA, A. e col. **Teoria das Representações Sociais**. Brasília: Technopolitik, 2014. P. 21-26.

ALVARENGA, L. F. C.; DAL'IGNA, M. C. Corpo e sexualidade na escola: as possibilidades estão esgotadas? In:Saúde, sexualidade e gênero na educação de jovens/ Org.: Dagmar Elisabeth Estermann Meyer... (et al.) – Porto Alegre: Mediação, 2012. 192p.: 25cm

BOAL, A.. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

Brasil. (1990). Lei no. 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Retirado de <[http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto\\_crianca\\_adolescente\\_9ed.pdf](http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_adolescente_9ed.pdf)>

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Sexualidade e Preconceito**. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, III, 3, 18-37, set. 2000. Disponível em: [http://ceccarelli.psc.br/pt/?page\\_id=233](http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=233). Acesso em 12 out 2017.

CRESWELL, Jonh W. **Projetos de Pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Bookman/artmed, 2003, p.184-213.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FREITAS, Ernani Cesar de; PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico/** Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. P. 69-72. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 09 set 2017.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. Obras completas, volume 6 : três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905) / Sigmund Freud ; tradução Paulo César de Souza. — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

FRIZZO, Kátia Regina. Diário de Campo: reflexões epistemológicas e metodológicas. In: SARRIERA, Jorge Castellá, SAFORCADA, Enrique Teófilo Orgs. Introdução à Psicologia Comunitária – bases teóricas e metodológicas. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e poder. In. LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1997. P.37-56.

NUNES, César Aparecido, 1959- Desvendando a sexualidade/ César Aparecido Nunes. Campinas, SP: Papyrus, 1987.

SANTOS, J. V. V. **As representações sociais da educação a distância:** uma investigação junto a alunos do ensino superior a distância e presencial. Florianópolis, 2006. 329 f. (Tese de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina). mimeo.

SILVA, Ana Isabel Mateus da Silva. **Desenvolvimento de competências sociais nos adolescentes:** perspectiva de prevenção em saúde mental na adolescência. 2001. 213 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Aberta, Lisboa, 2001.

SHOR, Ira. Medo e ousadia – O cotidiano do professor. Ira Shor, Paulo Freire; Tradução de Adriana Lopez; Revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (Coleção Educação e Comunicação, v. 18).

SPINK, Mary Jane P. **O conceito de representação social na abordagem psicossocial.** Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9(3): 300-308, jul/set, 1993.

TUCKMANTEL, Maísa Maganha. A sexualidade vai à escola: da informação biológico reprodutiva à formação do sujeito ético. In: Trilhas pedagógicas, v. 1, n. 1. Ago. 2011, p. 38-64.